

A Literatura de Expressão Oral

Memórias de um menino rapaz de província

trabalho elaborado por:

**João Madureira
Ana Maria Vilhena
Leonor Castro Lopo
Fernanda Teixeira**

Disse-me a minha mãe que eu nasci numa noite de lua cheia e que por isso saí meio aluado, querendo com isso significar que sou de carácter instável, que o meu comportamento e as minhas atitudes variam muito, dependendo, por isso, da incidência da luz do Sol e dos movimentos de rotação e translação da Terra. Tal como a Lua, também eu mostro várias caras. Vario conforme a relação que consigo estabelecer com os outros e conforme me consigo relacionar com eles. Nos tempos da minha adolescência, quando chegava a casa, lá estava ela em cuidados, ralada e pronta para me lembrar: «Tu és como a Lua, és um astro da noite.»

Nasci numa aldeia e fui criado num meio onde a oralidade foi sempre a primeira e mais forte fonte de educação e formação. Foi através da “Literatura de Expressão Oral”, (elocução que fui buscar ao livro *As Fadas não Foram à Escola* de Maria Augusta Seabra Diniz) que me integrei como indivíduo no meu grupo e foi através dela que formei a minha própria identidade.

Na minha família e na comunidade onde ela estava inserida, a escrita não era o veículo normal de expressão, por isso foi através da literatura de expressão oral que soube da “nossa” história, da “nossa” cultura, dos “nossos” valores mágicos e religiosos, da “nossa” maneira de viver a vida e de nos integrarmos em sociedade.

Citando o mesmo livro: “Enquanto na literatura ‘escrita’, o emissor é o escritor, indivíduo historicamente situado, na literatura de expressão oral a responsabilidade dos macrotextos pertence à comunidade que os actualiza a nível discursivo, segundo as necessidades do momento”.

A literatura de expressão oral, mesmo não possuindo suportes de fixação, tem, por qualidades intrínsecas, permanecido ao longo dos tempos. Nela é a comunidade que transmite os conteúdos e os perpetua. A sua constância resulta, pois, do facto de revelar e reflectir os grandes problemas do Homem. Quer sejam os de hoje, quer sejam os de sempre. De uma maneira sucinta, são eles: a luta pela autonomia, a rivalidade entre famílias e familiares, a rivalidade fraterna, a construção de uma identidade adulta, a solidão do homem na terra, a incompreensão dos homens pelos outros homens, a realidade trágica e por vezes cruel das relações humanas.

Marie Louise Von Franz escreveu que “os contos populares são a expressão mais simples e mais pura dos arquétipos do inconsciente colectivo. Este tipo de interpretação simbólica explica a existência de várias versões do mesmo conto nos diversos países, visto que os temas ao emigrarem se transformam e se reorganizam numa nova história adaptada a uma mentalidade e meio cultural diferentes.”⁽¹⁾

Na comunidade onde nasci e fui criado, a minha avó materna foi o meu primeiro e mais distinto “griot”, pois foi ela que conscientemente assumiu a função de porta-voz do meu grupo familiar. Foi ela que, algumas vezes ajudada pelo meu avô materno e pela minha mãe, através da narrativa, das anedotas, dos provérbios e das quadras, me foi transmitindo os costumes, as regras e as interdições da comunidade, chamando-me assim a atenção para o seu bom funcionamento e para a prevenção das transgressões.

Quando agora me ponho a pensar nesses tempos e os contraponho ao tempos de hoje, vendo os meus filhos e os meus sobrinhos ligados à televisão, dou conta que com o avanço das tecnologias a função do contador, que também era o interprete do sentir do grupo, está em vias de extinção. O nosso tempo actual é ritmado de outro modo. Vão-se esvaziando os espaços comunitários propícios às sociedades em que a oralidade é dominante. Na sociedade da escrita, a literatura de expressão oral perdeu a sua vitalidade, estando praticamente reduzida a objecto de pesquisa de etnólogos, antropólogos e linguistas.

Nasci, como disse logo no princípio, em noite de lua cheia, em casa, perante a calma da minha avó, a azáfama da parteira, o nervosismo do meu pai e os gemidos e alguns gritos de minha mãe. Depois de parido fui quase logo levado à igreja para fazerem de mim um cristão. Nesse sítio de iniciação fui purificado na alma de toda a mancha de pecados.

No meu baptizado – o primeiro dos sete sacramentos – estiveram presentes todos os elementos essenciais. Em volta da pia baptismal, a olhar para mim, podiam ver-se: o

prior, de alva e sobrepeliz, o sacristão, o meu pai, a minha mãe, o meu padrinho, a minha madrinha, a minha avó, o meu avô materno e... poucos mais.

Quando chegou o momento solene, o padre derramou a concha de água benta na careca do pimpolho e meteu-me uma pedrinha de sal na boca. Seguiu-se um tremendo berreiro a que a minha madrinha tentou pôr fim enxugando-me, à pressa e carinhosamente, a cabeça.

Numa noite de Verão, estando eu e a minha avó, curiosos e atónitos, deitados na varanda em cima de um liteiro a observar a abóbada celeste, talvez à procura de encontrar nos astros a resolução ou a resposta para alguns fenómenos, ela assim falou: «Na noite em que tu nasceste eu vi uma estrela cadente, o que é prenúncio de boa sorte. Pensando em ti disse: Deus te guie e vá na tua boa companhia.» Depois de um breve mas significativo silêncio, continuou: «Alguns dias depois de tu nasceres eu e a senhora Rosa das Bandas d'Álem fomos oferecer-te à Virgem Maria. Levámos vários presentes e ajoelhadas junto ao altar, rezámos:

*Virgem Senhora Nossa
Senhora da Encarnação
Sede Mãe deste menino
Botai-lhe a nossa benção.*

E como tu és um afilhado da Lua, vou explicar-te os seus sinais do tempo: Lua Nova com as pontas para cima, é sinal de tempo húmido. Se estiver com um círculo de nuvens à volta, é chuva certa. Quando nasce a Lua Cheia de amarelo vivo, é sinal de ventos e tempestades. Quando a Lua Nova é trovejada, trinta dias é molhada. E o aparecimento do Sete-Estrelo (Ursa Maior) põe fim à ronda da noite e ao fiadeiro.»

As rimas infantis

Eu fui crescendo no meio do rio tranquilo da oralidade. Entre **rimas infantis**: rimas para adormecer, rimas para brincar e rimas para aprender.

Tentando uma definição, podemos dizer que as rimas infantis são “o conjunto de textos orais ritmados usados com e entre as crianças”.(2)

Este tipo de literatura de expressão oral costumava acompanhar-nos desde o nascimento até por volta dos 12-14 anos.

As primeiras, que eu aprendi quando a minha mãe baloiçava a minha irmã mais nova, são as canções de embalar. Com elas as mães dão voz ao sentir dos filhos enquanto eles ainda não falam.

*João Pestana,
João Pestana,
Faz dormir
O menino
Na cama!*

Ou então usava outra quando na cama aguardava o sono, perguntando em linguagem agalegada:

*– Ó Ramón
Xá dormes?
Ainda non
Emprestas um toston?
Xá durmo! Xá durmo!*

Estas rimas, que nos primeiros tempos de vida da criança lhe são ditas pelos adultos, sobretudo por mães e avós, depois acabam por virem a ser difundidas por eles próprios, uns aos outros.

As canções de embalar são as primeiras com que as crianças têm contacto. E isto acontece desde tempos muito antigos; as mães contam-nas aos seus filhos para adormecer, embalar e acariciar.

*Rum rum rum
Meu pequenino...
Rum rum rum
Meu bem querer. (3)*

Nas canções de embalar, quer nas mais antigas quer nas que ainda hoje se cantam, a situação que encontramos revela uma mãe totalmente embevecida no seu filho, indo

ao ponto quase sacrílego, tendo em conta os cânones da fé cristã, de o confundir com o Menino Jesus, onde a própria mãe se identifica com a Virgem Maria.

*Dorme, dorme, meu menino;
Que a mãezinha logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém.*

Muitas das canções de Natal entoadas na nossa região, por vezes pouco ou nada divergem das canções de embalar.

Aqui, o presépio aparece como paradigma da relação mãe-filho. Os adultos projectam no bebé as suas fantasias relacionadas sempre com as suas experiências. A identificação da mãe com a Virgem e a presença de um bebé mais divino que humano, está relacionada com a idealização que a mãe faz do seu filho que é o mais bonito e o mais perfeito de todos e que só tem semelhança com o Deus-Menino.

Esta é uma das que ainda hoje me lembra, uma das muitas que a minha mãe cantava para adormecer a minha irmã ou para a fazer parar de chorar:

*Beijai o menino
Beijai-o agora
Beijai o menino
De Nossa Senhora.*

*Beijai o menino
Beijai-o no pé
Beijai o menino
Qu' é de S. José.*

*Os filhos dos homens
Em berços dourados
E vós meu menino
Em palhas deitado.*

Em palhas deitado

*Em palhas aquecido
Filho d'uma rosa
Dum cravo nascido.*

*Os filhos dos homens
Em bons travesseiros
E vós meu menino
Preso a um madeiro.*

*Sois um manso cordeiro
Que estais nessa cruz
Com os braços abertos
Perdoai-nos Jesus.*

*Sois o salvador do mundo
Que tudo sabeis
Salvai nossas almas
Bendito sejais.⁽³⁾*

Nas canções de embalar encontramos fortes marcas de uma mãe que unicamente vive em função do seu filho, tal e qual a Senhora do presépio. Ela ali é apenas mãe e nunca mulher-esposa. Estas canções, sendo necessariamente criadas por adultos, reflectem a maneira como os seus criadores desejavam que as coisas se tivessem passado consigo na infância, “numa relação simbiótica de mãe-filho, em que o pai, a seus olhos, só servia para estorvar. A referência ao pai – nestas canções – é quase nula e surge bastante desvalorizada.”⁽⁴⁾

Quem se não lembra do papão ou das personagens mais usadas nas canções de berço?

*Vai-te papão, vai-te papão
Para cima do telhado
Deixa dormir o menino
O seu soninho descansado.*

É a mãe quem se empenha em proteger a criança do papão, vincando que ela é a boa, aquela que protege o filho eficazmente, com uma atenção perpétua.

As canções de embalar mais não pretendem do que incutir na criança uma situação de serenidade e de bem-estar no sentido do adormecimento. Por isso, a mãe envolve o seu bebé com uma canção ou uma rima benéfica, garantindo-lhe pelo balancear, e muito especialmente pelo tom de voz que emprega nas próprias palavras, que ela, a mãe, é boa e sempre o defenderá.

A seguir ao berço segue-se o brincar e o aprender. Por isso, as rimas aparecem como a forma óptima para incutir nas crianças vários ensinamentos ou para as acompanhar no seu desenvolvimento.

Para as distrair e convidá-las a comer, segura-se-lhe na mãozita e tocando-lhe a palma com o dedo indicador, cantarola-se:

A pitinha

Põe o ovo!

Que o menino

Papa logo!

Na mesma posição e para os fazer rir, pergunta-se-lhe:

E o ratinho que estava aqui?

Fugiu!

Fugiu!

Lá vai o gato, miau, miau, miau!

As rimas são textos curtos e fáceis de fixar e surgem sempre associados aos jogos ou a determinadas actividades. As rimas começam por ser ditas pelos adultos que, através delas, ensinam às crianças os nomes dos dedos ou de outra parte do corpo. Para designar os dedos:

Mindinho (mínimo)

Vizinho (anelar)

Pai de todos (médio)

Fura bolos (indicador)

Mata-piolhos (polegar)

Usa-se também a associação do gesto às palavras, onde as mães ou as avós espontaneamente ensinam a criança a bater palmas enquanto recitam textos do género:

*Palminhas e mais palminhas
Que a mamã dará maminhas
E o papá quando vier
Dará sopinhas de mel!*

Ou noutra versão:

*Palminhas de mel
Pró papá quando vier
À mamã darei sopinhas
Ao papá sopas com mel!*

Mais tarde, as crianças usarão também as rimas como forma de sortear o que fica, como maneira de começar o jogo. Usam-se várias rimas que se pronunciam à roda e apontando cada um dos participantes.

*Pim, pam, pum, cada bola mata um
Dá de comer à galinha e ao “pirum”
Quem se salva és tu.*

Ou:

*Ana Rita, pirolita
Bacalhau, sardinha frita
Um, dois, três.*

Ou ainda:

Serrobico, bico, bico
Quem te deu tamanho bico?
Foi a velha chocalheira
Com ovos e manteiga
Os cavalos a correr
As meninas a aprender
Qual será a mais bonita
Que se vai esconder?

Se uma criança manifesta exagerado desejo, logo a repreendem:

Maria Nabiça
Quanto vê
Quanto cobiça!

Quando um adulto dá um abraquinho ao menino:

Xi coração
Peito de rola
Sabe a leitão!

São frequentes os jogos verbais, e ao mesmo tempo de movimento, em que cada criança brinca com as palavras, levadas, ou pela melodia, ou pela rima, ou pelo ritmo, numa actividade unicamente lúdica em que as palavras valem por si próprias:

Tens fome?
Come um “home”!
Tens sede?
Bebe uma parede!
Tens frio?
Mete-te no rio
C’o capote do teu tio.

Ou:

*Preta, mulata
Nariz de batata
Rouba galinhas
E mete p'rá saca.*

Ou ainda esta:

*Amanhã é domingo
Chícharo pingo
Gato montês
Toca a rês
A rês é de barro
Toca no adro
O adro é fino
Toca no sino
O sino é de ouro
Toca no touro
O touro é bravo
Subiu ao telhado
Quebrou a telha
Fez grande pecado!*

À primeira vista, este tipo de lengalengas parecem disparatadas, mas não é bem assim. Alguns pedagogos pensam mesmo o contrário. Adolfo Coelho chegou mesmo a afirmar que “tem um grande sentido o facto das rimas infantis consideradas em si, terem muito pouco sentido.”⁽⁵⁾

A sua importância manifesta-se até na natureza inovadora de algumas obras. Foi nas rimas infantis, especificamente no seu carácter de absurdo, que Lewis Carroll foi buscar a inspiração para os seus dois livros: “*Alice no País das Maravilhas*” e “*Alice no outro lado do espelho*”. Obras pioneiras, onde o “nonsense” é a característica geral de construção do enredo, e, principalmente, dos diálogos entre os seus imaginativos e inquietantes personagens.

Existem outras rimas infantis que servem de ajuda para acelerar a pronúncia de certos vocábulos por conterem combinações de consoantes de difícil dicção ou pequenas variantes em sílabas contíguas. São os trava-línguas, que servem à perfeição para desemperrarem a dita

Têm que se repetir depressa.

*Assim como a pêga papa a fava
Porque não papa a fava a pêga?*

Ou:

*Assim como o chuço atiça a choça
Porque não atiça a choça o chuço?*

Ou:

*Fui ao mar colher cordões
Vim do mar, cordões colhi!*

Ou ainda:

*À entrada de Chaves
Achei uma chave
Chapada no chão.*

Estas cantilenas, com a sua liberdade ao nível dos jogos e das associações, com a sua atmosfera estranha, fantástica e por vezes hilariante, é uma ponte importante para a criança penetrar no seu próprio mundo.

Foi através desta necessidade de imaginário e de sonho que descobri que vivia entre dois mundos completamente antagónicos. Um era estruturante e reflectido, onde a minha família e a escola me impunham um comportamento disciplinado. O outro era o do sonho, o das cavalgadas, o do ser tudo quanto imaginava. Ainda hoje os dois mundos coexistem dentro de mim sem simbiose possível.

O meu desenvolvimento, como o de qualquer outra criança, nem sempre exigiu apenas momentos sérios. Penso até que foi através do imaginário criado na infância que me consegui inserir na sociedade e ver até para além dela. Como qualquer dos outros seres da minha condição, necessitei de actividades lúdicas através das quais podia evadir-me, onde podia libertar-me das minhas tensões e assim conseguir concentrar-me em seguida na escola.

Dizem os entendidos que a construção do pensamento infantil faz-se pela alternância de fases de registo diferente, por um jogo entre o real e o imaginário, num processo dialéctico entre o que é concreto e o que é vago. E é esta maleabilidade de experiências que, no seu entender, fornecem à criança a segurança e a ajudam a construir a sua personalidade.

Sem o saber de forma consciente, a minha avó ajudou-me pedagogicamente a crescer através dos campos férteis das rimas infantis. Nunca leu, nem sequer ouviu falar do pedagogo e estudioso de literatura infantil para a infância Marc Soriano, mas, tal como ele, sabia: “ces petit poèmes balisent toutes ces circostances de la vie.”

Desde sempre, as festas religiosas serviram para, ciclicamente, renovar o ardor religioso e, sobretudo, para nos inculcar toda uma mitologia que nos acompanha desde que nascemos até ao fim da nossa existência.

Uma das festas religiosas mais carregada de tradição e poesia é o Natal. Esta é a festa da família e é, acima de tudo, o encanto e o enlevo das crianças. Ainda me lembro que “lá de longe” do “mundo exterior”, vinham os parentes para se juntarem à lareira, nessa “noite de paz e amor”.

Lá está a mesa coberta de iguarias, guloseimas tradicionais e enfeitada com ramos de azevinho. Em nenhum lar falta o prato forte de bacalhau com batatas, acompanhado de polvo, pencas e ovos cozidos. De seguida comem-se os variados fritos e finalmente a apetecida doçaria: rabanadas, sonhos, aletria, arroz doce; tudo devidamente polvilhado com açúcar e canela. Depois dão-se as graças, algumas em voz alta e outras mentalmente, para recordar com saudade aqueles que já não estão. Os olhos ficam embaciados do calor da recordação, vê-se que flutua no ar um forte sentimento de amizade e fraternidade. Entretanto já a pequenada se engalfinha no jogo dos pinhões, apresentando a mão fechada para adivinhar o par e o pernã. O tempo voa. É chegada a hora de toda a família ir à missa do galo. Debaixo da neve que vai caindo a caminho da Igreja, aquece-se a gente na grande lareira – um enorme canhoto que arde no meio do

largo. Ao longe chega um grupo de rapazes e raparigas que, munidos de pandeiro e ferrinhos, cantam canções ao Recém- Nascido:

*Ó infante suavíssimo
Vinde, vinde já ao mundo
Livrar-nos do cativoiro
Deste abismo profundo.*

*Ó infante suavíssimo
Deus de infinita ternura
Vinde, vinde já ao mundo
Deus de amor e formosura.*

Entramos na igreja e o Padre Martins dá a sua bênção aos presentes e deseja-nos boas-festas enquanto vai dando o Menino a beijar. O coro canta:

*Noite feliz
Silêncio e Paz
O bom Jesus
É quem nos traz
A mensagem do amor.*

Logo a seguir chega o Ano Novo ou Ano Bom. Em grupos espontâneos, lá vamos cantar as “janeiras”.

*Vimos dar festas felizes
Estimados moradores;
A benção de Deus nos cubra
De virtudes e de flores.*

*As “janeiras” não se cantam
Nem a reis nem a fidalgos;
Cantam-se aos lavradores*

Que dão malgas de caldo.

*Das “janeiras” que nos deram
Deus seja o pagador;
Queira Deus, de hoje a um ano
Nos façam o mesmo favor.*

São passados cinco dias do Ano Novo e está na hora de “ir cantar os reis” às portas de amigos e vizinhos:

*Estas casas são mui altas
Forradinhas de alegria
Viva lá quem as passeia
Que é a senhora Maria.*

*Viva lá senhora Rosinha
Raminho de salsa crua
Debaixo da sua cama
Põe-se o sol e nasce a lua.*

*Viva lá senhor Miguel
Fita preta em seu capote
Quando vai para a igreja
Parece a Estrela do Norte.*

*Viva lá senhor António
Onde põe o seu chapéu
No meio da sua sala
Parece um anjo do Céu.*

*Senhora que está ao lume
Assentada na cortiça
Levantai-vos ó senhora
Vinda dar-nos a chouriça.*

*Queremos dar a despedida
Na folhinha do vaivém
O vinho da vossa pipa
Muito tarda que não vem.*

*Vimos-lhe cantar os Reis
Na folhinha da giesta
Os “reis” já estão no saco
Acabou a nossa festa.*

E o ano lá vai girando, rindo e cantando, e, por vezes, chorando.

Aproxima-se o Entrudo com as suas quatro quintas-feiras: a dos amigos, a das amigas, a dos compadres e a das comadres. Seguem-se-lhe dois domingos: o “magro” e o “gordo”; uma segunda-feira gorda e uma terça-feira também gorda, que é o Entrudo propriamente dito.

Por estas alturas toda a gente come orelheira, ou pé de porco, linguças, salpicões e vários chouriços.

Aí está o Carnaval. Dizia-me a minha avó que no Carnaval anda o “íncubo” à solta. O “íncubo” de cada um de nós.

De facto, o homem tem a necessidade visceral de se divertir, tal como de respirar, comer, bocejar, rir, pois na sua milenar ancestralidade sempre foi turbulento. No fundo, mesmo os mais educados e circunspectos têm vontade de entrar no forrobodó. Os que o não fazem, sabemos-lo todos, apenas se reprimem porque “parece mal” ou “não é próprio” aos de certa condição e de certa idade. Por isso se retraem, recalçando instintos e tendências que depois poderão aflorar em outros tipos de violências e brutalidades. O Entrudo, como tudo o que é ancestral na vida dos seres humanos, desempenha uma função social útil, como uma válvula de segurança, pelo menos uma vez em cada ano.

Os “caretos” andam pelas ruas, vão pelas portas equipados com um espeto de cozinha, coroa de papel na cabeça, um pano de croché a tapar a cara, sempre com as campainhas dos bois a tilintar ao pescoço. Outros, de cara “ciscada” com cortiça queimada, ou pintados com borras de vinho, ostentam umas barbas postiças feitas de lã branca ou preta, conforme a idade que pretendem aparentar.

Rapazes e raparigas “mudam de sexo”. Eles vestem corpetes, saias e saiotes, pintam a cara de zarcão e ocre, fazem voz de falsete, mostrando as pernas peludas. Elas trazem calças e samarras, faixa preta à cinta, com bigodes de milho ou estopa, suíças e pêra de farelos. Atiram farinha uns aos outros, ou ainda formigas e até caganitas de cabra ou ovelha.

Junto à Fonte do Meirinho, o José Rato engrossa a voz e, fazendo de pregoeiro, vai descobrindo os podres de amigos e vizinhos por entre o riso geral da assembleia. Começa a leitura da “partilha do burro”:

*À senhora Adelaidinha
Que lhe havemos de deixar?
Porque é pessoa de muito dó
Deixamos o rabo do burro
Para enxotar o pó.*

*Às meninas Joaquinas
Que lhe havemos de deixar?
Deixamo-lhes as unhas do burro
Para com elas poderem tocar.*

*Ao senhor Joaquinzinho
Pessoa de muito pensar,
Deixamos-lhe a albarda do burro
Para com ela alombar.*

Toda a minha gente ri, até as visadas.

A meio da quaresma chega a “serrada da velha”. O meu grupo junta-se a outros grupos e vamos pelas portas das mulheres mais idosas a fingir que as serramos. Neste tempo de quaresma as vacas não trazem chocalhos, por isso eles ali estão à mão de semear para nós os utilizarmos na “serração das velhas”. Isto significa que não é difícil a cada um dos rapazes, agora organizados em grupos, arranjarem cinco ou dez chocalhos que, enfiados em cintos atravessados ao peito ou à cinta, correm a aldeia de fio a pavio, em enorme chinfrineira.

O grupo lá vai fazendo o circuito das casas onde existem as velhas para serrar. Em cada casa previamente escolhida, sacudimos os ombros e o corpo de forma a tocar a chocalhada. A desarmonia é grande e por isso se transforma num enorme “serrote acústico” capaz de não só “serrar as velhas” como até o próprio Satanás.

Muitas das velhas, as mais rabugentas, não gostam do barulho ensurdecedor nem que lhe chamem velhas e por isso escorraçam a pequenada com paus ou pedras. O grupo põe-se em fuga e o procedimento continua.

Os dizeres vão-se repetindo:

Serra a velha

Serra a velha

Minha avozinha

Vai da sala

Para a cozinha.

Quando a velha ainda não é muito velha, ou tem a alma moça, presenteia-nos com uma mão cheia de figos secos e uma malga de marmelada. Nós sucumbimos perante as delicadeza do gesto ou tão simplesmente perante o seu simbolismo.

Os domingos vão-se sucedendo e como diz o rifão: *Ana, Magana, Rebeca, Susana, Lázaro, Ramos, na Páscoa estamos.*

Aqui já fia mais fino e toca de lavar a cara, vestir farpela mais limpa e escarolada. É domingo de Ramos. Chegam os primeiros fieis de ramos ao ombro e enfeitados com flores. Nós apercebemo-nos da sua cara alegre e desanuviada. A igreja enche-se pouco a pouco. A criançada comprime-se na capela-mor, cada um ostentando orgulhosamente o seu ramo. Produto da pouca força dos nossos pequenos braços, a minguada floresta ondula. Os ramos de oliveira e alecrim estão enxertados de novos frutos: laranjas, doces e rebuçados. São estes mesmos ornamentos que, depois de ardentemente desejados, vão ser ofertados às madrinhas e aos padrinhos. Em troca dão-nos o foliar representativo da Páscoa que se avizinha.

Muito mais tarde encontrei este espírito, talvez alterado na forma, talvez alterado no conteúdo, mas não na mensagem universal do cristianismo, através das palavras de um poeta e músico maldito, de seu nome António Rodrigues Ribeiro, mais conhecido por António Variações:

Dar e receber

Devia ser a nossa forma de viver

Dar e receber

Fazer a troca sem ganhar nem perder

Dar e receber

Dar o direito a toda a voz

Esse respeito que queremos para nós

Dar atenção ao nosso chamar

Compensação de quem sabe escutar

Mas, naquela altura, ainda o António Variações era um rapaz como eu, fora a boina e o génio latente, que se iludia perante o olhar bondoso dos adultos.

Lá ao fundo aparece o padre bem paramentado, devidamente coadjuvado pelo sacristão e respectiva caldeira de água benta. Segue-se pequena barafunda, ritos religiosos, olhares devotos, rezas sentidas, beijos aos ramos e cortejo religioso em volta da igreja.

Os ramos, esses, em harmonia com os seus donos, irão para casa onde serão guardados nas arcas ou pendurados por dentro das janelas em companhia das medalhas do Agnus Dei. Ali permanecerão até serem queimados para conjurar os grandes trovões ou outros males demoníacos...

Depois dos ramos

Na Páscoa estamos.

Domingo de Páscoa. É chegada a Primavera. Numa alegre azáfama de renascimento, lavam-se as casas, varrem-se os pátios, enfeitam-se as salas com jarras de flores e ramos de ouro de mimosas. Das arcas sacam-se as colchas e as toalhas de linho de finas rendas. Os folares já ali estão. «Quem, meu Deus» – lembra a minha avó – «passaria a Páscoa sem folar? Só perro mouro ou perro judeu. Filho de Cristo é que não.»

Ó que vontadinha tenho de o comer já. Esta semana foi um calvário: endoenças, vias-sacras, procissões, tudo debaixo de um jejum rigoroso. É que a minha avó não brinca com Deus.

Mas agora, depois de tanta penitência e de rigorosa confissão, ali está toda a família de alma lavada e purificada, menos pesada que uma pena, à espera de beijar o Senhor... na missa, durante as práticas do senhor abade, que fez chorar mais do que um dos santos do altar, lá se esqueceram as rixas por causa da água, lá se esqueceram as más palavras em dia de azar ou a porrada no arraial do São Caetano. Hoje a disposição é de serena calma. Quase se sente o cheiro a santidade...

No céu azul de Abril, o sol ilumina o abade, o sacristão mais o rapaz que à frente tange freneticamente a campainha. É a visita pascal. Sobre a toalha de linho que enfeita a mesa, apresenta-se o foliar ao lado dos doces, laranjas, fruta seca e a garrafa de vinho. Hoje, à boa maneira fidalga, também lá está o pão-de-ló, a garrafa de vinho fino e um envelope com a respectiva notinha. O senhor padre mais a sua comitiva, entram na sala e toda a família se ajoelha e respeitosa e acaricia os pés, puídos pelo tempo, do Santo Cristo de ferro chagado e exangue.

Eu olho para o céu e intuo o poema de um poeta que irei conhecer mais tarde;
Virgílio Alberto Vieira:

Aos olhos

recomendo as aves.

Os mitos

Eis chegada a hora dos **mitos**.

A Páscoa dos cristãos não é considerada mera recordação histórica da morte de Cristo. É, antes de tudo, uma reatualização do mistério nela contido e de que os fiéis participam. Estes ritos litúrgicos actuais da religião católica são um dos muitos vestígios dos mitos primitivos.

Mircea Eliade dá-nos pistas para perceber o fenómeno: “Compreender e estruturar a função dos mitos nas sociedades tradicionais não é apenas explicar uma etapa na história do pensamento humano, é também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos”.⁽⁶⁾

Está claro que não me foi nem me é indiferente ou inocente a maneira como o grupo humano onde estive inserido se colocou e me colocou perante esta mitologia cristã. O modo como a utilizou, na maior parte das vezes valorizando-a e outras desvalorizando-a, foi determinante na sua aceitação ou rejeição. Mas o mais

significativo reside no facto de me terem transmitido respeitosamente o que também os seus ancestrais lhes haviam comunicado. Os materiais míticos não me chegaram na sua forma primitiva, chegaram-me já de uma forma alterada e devidamente enriquecida pelo passar dos tempos e até pelos processos de transmissão a que estiveram sujeitos. Sei agora o que antes intuía: os mitos justificam e dão sentido aos comportamentos dos homens.

Mircea Eliade diz-nos também que “ a função soberana do mito é revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as actividades humanas significativas; tanto a alimentação como o casamento, o trabalho, a arte ou a sabedoria”. (7) Afinal, bem vistas as coisas, nós passamos a vida a aprender. E aprendemos por modelos ou em confronto com eles. Por isso é que quase sempre as acções do mito são desempenhadas por Seres Sobrenaturais. A identificação com o modelo garante a fidelidade a um costume que é preciso respeitar.

Segundo o autor acima referenciado, “o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos”. (8)

Muitos povos de cultura oral distinguem claramente as histórias verdadeiras – as que tratam de assuntos fundamentais, como as origens do mundo – e as histórias de menor dignidade, que consideram falsas por tratarem de assuntos profanos. Estas formas de transmissão dos mitos ou histórias “verdadeiras”, são sempre especiais. São contados em certas circunstâncias e épocas determinadas pois fazem parte de um ritual de iniciação. As histórias “falsas”, pelo contrário, podem ser contadas em qualquer momento. A propósito deste “tempo sagrado”, intrínseco à narração de certos mitos, vem-me à memória um ditado popular muito utilizado pela minha avó, referente à severidade com que devem ser criticados os que cantam fora de época certos cantares ou dizeres tradicionais. Quando ela ouvia algo que não lhe soava, dizia logo: “Quem canta o São João pelo Natal, ou é louco ou animal.”

Embora, manda o rigor que se diga, não se trate da mesma coisa, não é improvável supor que este velho ditado popular se refira a algo semelhante ao que se disse a propósito do mito.

Deve-se, pois, distinguir os mitos – as histórias “verdadeiras” – dos contos ou lendas – as histórias “falsas”. É o mesmo Mircea Eliade que nos diz que nas sociedades em que o mito ainda está vivo, os homens sentem que se trata de histórias radicalmente diferentes. Para ele “os mitos relatam não só a origem do Mundo, dos animais, das

plantas e do homem, mas também todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se transformou naquilo que é hoje”. (8)

Os contos, as fábulas e outros desenvolvimentos

A outro nível, estão os **contos** e as **fábulas**, pois estes géneros de literatura de expressão oral apresentam-nos factos mais próximos do viver quotidiano, embora sejam neles significativos certos ensinamentos que transmitem. É assim que as personagens do mito são quase sempre, como já atrás foi dito, Deuses e Seres Sobrenaturais, enquanto que nos contos e lendas nos deparamos com heróis ou animais maravilhosos. Para o homem arcaico, neste caso representado pela minha avó, existia a obrigação de dar a conhecer a “história mítica da tribo”, porque, através dos ritos religiosos, pretendia reactualizar esses acontecimentos primordiais, repetindo desse modo especial e ritual, o que os Deuses – para ela o seu Deus e os Santos da sua Igreja –, os Heróis ou os antepassados fizeram nesses tempos remotos e idealizados. O mito faz ressurgir esse mistério das origens através do que lhe permite reencontrar, em certo sentido, algo que poderia ter desaparecido.

A minha avó, em seu tempo e época precisa, contou-me muitas das histórias “verdadeiras” do Antigo e do Novo Testamento. Histórias – que mesmo sendo analfabeta – sabia de cor e salteado. Nelas sempre exibia um certo rigor de linguagem, tornando a narrativa mais séria. Foi este proferir de palavras que me fez reencontrar o sentido profundo das coisas e promoveu um conhecimento mais profundo da realidade. Aprendi muito com esta maravilhosa mulher. Agora sei quanto de essencial se pode aprender com um analfabeto.

Não foi certamente um conhecimento científico, foi antes um conhecimento próximo do místico, do poético, que me permitiu uma vivência integrada das emoções, dos pensamentos e das dúvidas. Ainda me lembro de como ela acompanhava de emoção a narrativa, tentando que a sua função, mais do que transmitir, fosse anunciar e iniciar. Foi neste sentido que essa narrativa poética entrou em mim como uma forma verdadeira de conhecimento. Aquela era a sua privilegiada maneira de me transmitir um conhecimento “humano” fruto de uma experiência interior complexa, resultante da confrontação da pessoa na sua totalidade com o mundo em que vivia e que não foi, certamente, nem fácil, nem compreensível, nem controlável.

Esta forma de transmitir uma sabedoria adquirida tem, a meu ver, dois aspectos distintos mas complementares. Um está relacionado com o que podemos chamar de “conforto interior”, no seu aspecto de explicação e de um saber porquê. O outro relaciona-se “com a ajuda do pensamento mágico” (9), que consiste em adquirir um poder sobre o fenómeno através do conhecimento da sua origem

Todos sabemos que “quem conta um conto acrescenta-lhe sempre um ponto”, e por isso a minha avó, com toda a certeza, também foi moldando as histórias ao seu eu. Mas, na sua essência, o que ela religiosamente me contava possuía a enorme vantagem de conter em si uma explicação para o mistério. E isso tem poder: o poder que resulta desse saber.

Um dos principais alimentos em casa de aldeia era o pão. Por isso era sagrado. Quando caía ao chão, involuntariamente, beijava-se sempre três vezes. Nada se punha na mesa sem nela colocar antes o pão.

Quando se fala em pão tem, obrigatoriamente, de se falar no forno. O forno era uma das regalias comunais em regime socialista – salvo seja.

Todos os vizinhos trazem a lenha que é indispensável para as diversas cozeduras enfiadas. As mulheres tomam vez para cozer o pão segundo a ordem por que encostam o lareiro à parede. É com esta vara comprida que introduzem a lenha, espevitam o lume e varrem o chão da fornalha.

Naqueles tempos, um aldeia dispunha apenas de um forno e a rodada era por isso demorada. Muitas vezes, à porta do forno, entretinha-se o tempo e o nervoso miudinho com ralhos, bate-línguas e despiques. Algumas ocasiões, para se obviar a estes inquietações, as mulheres emprestavam umas às outras pão até à fornada seguinte. A isso chamava-se o “pão tornado”. Nas aldeias “tornava-se” quase tudo, desde o fermento até ao “lume sagrado”. Naqueles tempos era frequente emprestar-se o próprio lume. Lembro-me de, à míngua de fósforos, se ir buscar num caco uma brasinha a casa da vizinha.

A minha avó e também a minha mãe, sabiam amassar bem o pão e por isso mesmo nunca se esqueciam de, enquanto o amassavam, ir dizendo:

São João te faça pão

São Mamede te levede

São Vicente te acrescente

*Em honra de Deus
E da Virgem Maria
Um Padre Nosso
C'uma Avé Maria.*

Ou

*São João te faça pão
São Vicente te acrescente
São Mamede te levede
E Deus lhe ponha a bênção.*

Ao enforcarem o pão diziam sempre:

*Cresça o pão no forno
A saúde do seu dono
E a paz pelo mundo todo.*

Ou ainda

*Senhora Santa Marta
Forneira do Senhor
Fazei que cresça o pão
O pão do meu amor.*

Foi pela casa de habitação que o homem imprimiu a primeira marca na paisagem. E numa região de clima rigoroso como a nossa, a vida rude e desenrolada fora dos grandes centros, originou a que os seus habitantes se associassem na luta contra o isolamento e o meio hostil. O medo dos lobos e dos ladrões, forçou-os a uma forma específica de povoamento concentrado. Para se abrigarem do vento e terem exposição ao sol, os núcleos povoados encostaram-se às elevações do terreno.

A casa da minha avó é constituída por dois pisos. No rés-do-chão ficam as lojas dos animais e a arrecadação. No andar sobradado fica a habitação da família, para o qual se sobe por uma escada exterior – a escaleira – encostada à fachada do lado

esquerdo, que dá acesso directo a um patamar alpendrado. As poucas janelas e portas, bem assim como o pé direito, são de reduzidas dimensões para a defesa contra a frio e o vento.

Cá dentro, a casa compõe-se de cozinha com boa lareira, sala e quartos, que o melhor é dizer alcovas interiores.

Ali está a cozinha que é o compartimento essencial da casa, onde se faz a vida da família. Ali se come, descansa, reza, seroa, fia, carneia e se seca o fumeiro. É escura, enegrecida pelo fumo que, sem chaminé, se escoia pelas talisgas da telha vã. O ponto nevrálgico e dominante de toda a casa é a lareira onde arde o lume de grossos toros que são sempre colocados sobre o trasfogueiro de ferro. À retaguarda do fogo encontra-se a pilheira, para o acervo das cinzas. Pendurada do tecto lá está a gramalheira, uma corrente de ferro que sustenta o caldeiro onde se aquece e prepara a vianda dos recos. Ao lado vemos o louceiro ou lançador, onde se lança o caldo do pote para as malgas. Lá mais ao fundo vislumbra-se ainda o assador de castanhas, a trempe e a sertã de três pés. No lado direito da lareira estão os outros trastes: a pá, a tenaz, o abano e o chuço. A meio encontra-se o móvel principal – o escano – que domina a cozinha, já enegrecido pelo fumo e pelo uso, onde se preguiça e dormita, onde se come a ceia. Do outro lado existem uns bancos mais baixos, semelhantes a tamboretas. Ligeiramente por cima, sobre o lado direito da lareira, ilumina-nos a candeia com a sua luz tremeluzente de azeite.

Ali está a família junto à lareira, autêntico altar de fogo. Seguramente um dos primeiros fenómenos sobre o qual o espírito do homem se concentrou, obrigando-o a reflectir maduramente.

Acabou a ceia. Na mesa, sobre a morena toalha de estopa, ainda se encontram as grandes malgas do caldo e o pão centeio com a faca espetada no costado. Toda a família se levanta ao sinal da minha avó e, de mãos postas e em coro, damos as graças. Recita-se o Pai Nosso, a Avé Maria e a Salve Rainha, a que se segue:

– Aceitai Senhor, estas nossas pobres acções, em sinal de agradecimento do que te devemos por tantos benefícios que nos tens feito. Continuai senhor a repartir com os nossos parentes, amigos e benfeitores e mesmo com os nossos inimigos, o precioso alimento para vos servirmos e amarmos. Permitti senhor que assim como nos juntamos a esta mesa, nos juntemos depois à Vossa Santa Mesa, no Céu, comendo o pão dos escolhidos.

Levanta-se a mesa e, entretanto, o meu tio Manuel, a quem alcunharam de “Reza”, avança com o Credo a que se lhe segue uma interminável série de jaculatórias:

– Por todos os que andam nas águas do mar, nas bocas do mundo, nas garras do inimigo, em pecado mortal...

E por fim a ladainha:

– Santa Maria: Ora pro nobis

– Mater Puríssima: Ora pro nobis

– Virgo Praedicanda: Ora pro nobis

O rezar monocórdico continua. Do outro lado da lareira, o meu tio João, de espírito folgazão e arrebitado, começa a sua tradução imaginativa e bem disposta do latim:

– Vivó Clemente (virgo clemens)

– Vivó Félix (virgo fidelis)

– Vivó pote (virgo potens)

– Turris e burris (turris eburnea)

Depois é a minha irmã mais velha que, de guisso aceso, tirado da lareira, risca o ar, escrevendo palavras instantâneas de fogo. Entretanto vai dizendo:

– Mariocha que te vendo,

E eu que te compro;

Dá-me um assopro

E faz-me viver!

O guisso lá vai passando de mão em mão e na de quem se apaga apanha um beliscão pela certa.

A família está distribuída pelo escano e demais bancos, à volta do lume que, de tão alto e forte, bem pode assar um vitelo. As mulheres carneiam e fiam a lã ou então

fazem na meia. Os homens tiram os pés dos tamancos e põem-nos a secar ao lume. Os carpins começam a fumegar.

Os trava-línguas

O meu primo Serafim, estudante no Porto, agora de férias, resolve armar-se em esperto e propõe alguns exercícios para desenferrujar a língua:

*– Assim como a choça atiça o chuço,
Porque não atiça o chuço a choça?*

A que se segue:

*– Assim como a pêga papa a fava,
Porque é que a fava não papa a pêga?*

E mais outra:

*– “Pranta” a tampa na trempe,
E a trempe na tampa.*

A risota é geral porque no trocadilho lá aflora a palavra “trampa” por maiores esforços que se façam por nela não tropeçar.

Outro meu primo, não tão estudado, mas também muito fino de inteligência, baptizado por Sabiá, lá se sai com outra:

*– Tigres comem trigos
Mas trigos não comem tigres.*

Toda a gente confessa que são engraçados os **trava-línguas**, mas difíceis de dizer correctamente. É então que o meu tio João remata com o último:

*– Fui ao mar colher cordões,
Vim do mar, cordões colhi.*

Segue-se-lhe uma barrigada de riso, quando a minha tia Teresa, muito católica, muito séria e compenetrada, em vez de cordões, disse uma coisa foneticamente parecida mas que é pecado dizer ou até pensar.

O meu avô manda buscar a pichorra do vinho, pois os homens já têm um bom “merouço” de nozes descascadas.

As adivinhas

Os mais pequenos começam a pingar de sono. É então que o meu tio António, que é perdido por **adivinhas**, nos põe a cabeça à roda:

– *Qual é coisa, qual é ela,
Que cabe numa mão e não cabe num caixão?*

Todos entupimos e foi preciso a resposta do perguntador para que a luz se fizesse sobre as nossas cabeças:

– *É a aguilhada.*

A minha mãe, que também não quer ficar para trás, questiona:

– *O que é que é (mas não digas à toa)
Que tem boca e não fala,
Tem penas e não anda
Asas e não voa?*

– *É o pote* – respondem as mulheres.

O meu primo Sabiá, resolve dar mais um arzinho da sua graça:

– *Qual é coisa, qual é ela,
Do tamanho duma abelha,
Enche a casa até à telha?*

Como que por acordo prévio, todos se calaram e olharam para mim, ordenando-me que lhe responda.

– É a luz da candeia.

De novo o meu primo Serafim, com seus ares superiores, lança o repto:

*– Que é que é, que vai e vem,
Sem nunca sair do lugar,
Embora às vezes diga ai?*

O meu tio João coça a cabeça mas é o meu tio António quem responde:

– É a porta.

Foi então quando o Sabiá, que era capaz de vender a alma ao Diabo em troca de uns bons despiques intelectuais, atirou esta ao estudante mais graduado:

*– Já que tens tanto entendimento,
E és tão amigo de saber;
Diz lá, se fazes favor,
Se uma pedra em cima de água,
É lá coisa que possa ser?*

Triunfante, o Sabiá, bebeu mais um golo da “pota” e impado de sabedoria explicou:

– É o gelo, ó Serafim, é o gelo!

A minha avó, imperatriz na sua casa, terminou o jogo mimoseando o inteligente Sabiá com uma que nem o Diabo ainda sabia:

Estudantes que estudais

*Nos livros de filosofia
Dizei-me qual o insecto
Que não tem peitos e cria
Que aos vivos dá alento
E aos mortos alumia?*

O Sabiá ficou perplexo e nem “chus” nem “bus”. O Serafim fez que não era nada com ele. Os outros, ou assobiaram baixinho ou olharam para os lareiros do fumeiro como se estivessem a contar quantos salpicões estavam ainda verdes de fumo.

Então, ela, a imperatriz da casa, respondeu a si própria:

– É a abelha, pois não se está mesmo a ver?

Estes jogos de adivinhas tinham o seu objectivo implícito, o de servirem de exercício lúdico tendo em vista o desenvolver da inteligência associativa.

A adivinha é a descrição de um ser ou objecto por particularidades que lhe são próprias, propositadamente apresentadas de modo metafórico ou ambíguo de modo a tornar difícil a sua decifração.

A adivinha caracteriza-se ainda pela condensação da expressão, pelo emprego de comparações sugestivas, de metáforas e pela forma interrogativa, ainda que nem sempre explícita. Para adivinhar, o adivinhador precisa de argúcia e de alguma capacidade de síntese.

As fórmulas de iniciação de uma adivinha são universais, embora apresentem variantes de país para país. As adivinhas da tradição oral portuguesa começam geralmente pelas expressões – Que é que é? O que é que é? Qual é coisa qual é ela? – a que se segue uma forma expositiva. Mesmo que não apresente a forma interrogativa, a adivinha é sempre uma pergunta. Uma pergunta feita por alguém que conhece a resposta e que deseja saber se os outros também conhecem. Um exemplo:

*Verde foi meu nascimento
E de luto me vesti
Para dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci. (A azeitona)*

Ou então:

Um gavião ia a passar por um souto e disse:

Deus vos salve cem pombas!

Elas responderam:

Nós não somos cem: mas com nós, outras tantas como nós, metade de nós, a quarta parte de nós e contigo gavião cem pombas farão.

(As pombas inicialmente eram 36. Ora $36+36+18+9+1=100$)

O assunto das adivinhas abrange o verosímil e o inverosímil. Cada objecto a propor tem inúmeras formas de apresentação enigmática.

Luís Chaves afirma que nestas manifestações populares se encontra a “observação espontânea ou aceite e transmitida, de factos da natureza, de vida comezinha, dos acontecimentos de ordem familiar ou comum, e de outros que, impressionantes, saem da convivência normal e contínua.”⁽¹⁰⁾

As adivinhas são fáceis de fixar devido à rima e à sua curta extensão, por isso têm sido usadas para tornar o ensino mais vivo, porque juntam ao saber o entretenimento. Podem até constituir uma dos principais encontros da criança com a expressão poética.

Os provérbios

Noutro nível estão os **provérbios**.

O provérbio é uma forma condensada da experiência e da vivência de determinado grupo, transmitindo conhecimentos adquiridos ao longo dos séculos. A sua reprodução assegura a transmissão desta sabedoria às novas gerações.

Harry Shaw define-o como um “dito popular de origem geralmente remota ou desconhecida que exprime em breves palavras uma ideia útil ou uma verdade corrente. A sua linguagem é geralmente simples e familiar. Por vezes é alegórica e simbólica.”⁽¹¹⁾

Os provérbios surgem através das experiências significativas registadas na memória do povo e por ele são condensadas numa formulação genérica que pretende conservar e transmitir a sabedoria assim conseguida. Para ser mais eficiente, procura-se que a formulação encontrada seja curta, incisiva e fácil de fixar. Por isso utiliza-se a imagem sugestiva, o ritmo e, por vezes, a rima.

Alguns ouvidos da boca dos meus avós, de meus pais e de meus tios, nunca me irão esquecer, tal é o nível de conhecimento profundo da alma e do viver humano que encerram. Eis alguns:

Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Mais vale nada dizer do que dizer nada.

Quando o pobre come galinha, um dos dois está doente.

A vaca do pobre quando tem de parir, morre.

Ou então este que só entendi quando já era homem feito:

Debaixo da manta, tanto vale a preta como a branca.

As quadras populares

Outra das coisas de que me lembro com muita intensidade é das quadras que constituem o esqueleto da Lírica Popular Portuguesa.

A palavra lírica deriva de lira. Os poetas e os coros gregos recitavam e cantavam as suas composições ao som da lira, que servia para criar uma atmosfera apropriada à transmissão da poesia.

“A quadra estrofe de quatro versos está representada na poesia portuguesa desde a origem até aos nossos dias. O homem do campo, naturalmente devido ao contacto com as forças telúricas ou benfazejas da Natureza e aos mistérios da vida e da morte, possui um acentuado sentimento religioso.” (12)

Mas este sentimento religioso é por vezes heterodoxo, na medida em que deixa transparecer uma mistura de sentimentos pagãos ancestrais, com ritos da religião católica. Por isso, estas manifestações são simples, directas, autênticas.

Entre outras formas de expressão, corporizam-se as **quadras populares**. Salientam-se as canções de Natal, as Janeiras, os Cantares dos Reis, as Encomendações das Almas, as Aleluias e as Romarias aos Santos.

Alguma desta lírica já atrás a transcrevemos, outra aproveitamos para fazê-lo agora.

Ensinado por minha mãe, ao deitar rezava sempre:

*Com Deus me deito
Com Deus me levanto
Com a graça do Espírito Santo
Deus me cubra em seu divino manto.*

Por vezes, durante a dia, quando me sentia mais fustigado pela ansiedade ou perseguido pela adversidade, rezava de olhos fechados ao meu Anjo da Guarda:

*Ó Anjo da minha guarda
Arauto do Senhor
Por Deus foste enviado
Para amparo e meu guardador*

*Peço-vos Anjo Bendito
Me deis graça e poder
E dos laços do demónio
Me ajudeis a defender.*

Lembro-me de ainda pequeno ficar a rezar noite dentro em companhia da minha avó e do meu tio Manuel – o Reza. Eram orações usadas para encomendar as almas quando um pecador estava para morrer.

*Avé Maria puríssima,
Dentro do cofre sagrado,
Vinde salvar esta alma,
P'ra sempre seja louvado.*

*Ó meu pai celestial,
Criador e Redentor,
São três pessoas distintas,
E um só Deus salvador.*

*Almas que fostes nascidas,
No purgatório afligidas,*

*Peço-vos, ó meu Jesus,
Que lhe queirais dar a luz.*

*Hoje e sempre, p'ra elas irem
Gozar aquele doce bem,
Requiea terno dona eis dominé
Requiesca in pache. Ámen.*

A anedota

Nos antípodas está a **anedota** que é um texto geralmente curto que relata factos vividos ou não. A sua intenção é normalmente provocar o cómico. Jogar com a polissemia, a metáfora, a hipérbole, o inesperado, o imprevisível. É raro, se não impossível, saber quem e onde se inventou.

Segundo A. Machado Guerreiro, apesar de considerada “o parente pobre” da literatura de expressão oral, revela tanta imaginação como o conto ou a lenda, tanto interesse histórico como o romance, tanta profundidade como o adágio ou a máxima.

Mas é de novo altura de regressarmos ao meu serão familiar junto à lareira da minha avó e voltamos mesmo a tempo de vermos quem se junta à festa.

Lá fora corre um vento gelado anunciador de neve. Nas escadas alguém eleva a voz:

– *“Carai que frio fai”*.

É o Zé Belchior, um meio irmão de uma minha tia por afinidade, que, fora esse defeito e o de ser contrabandista, é uma alma grande.

Em boa hora veio pois já o sono começava a perturbar o convívio. Mal entra pela porta logo avisa:

– *Pior que pobreza só mesmo a tristeza.*

Perguntam-lhe novas. E ele dá-lhas:

– Tudo velho meus amigos, a não ser a fatalidade do Zé Reis que acaba de entregar a alma ao Criador.

Depois lembra-se de contar a cena da estalagem em Chaves, aquando dos últimos Santos, só que se refreou a tempo, mal se deu conta da expressão dos olhos das mulheres. E essa até era das boas, ou melhor, das “lindas e vermelhinhas”. Entretanto piscou-me o olho a dizer «lá ta contarei noutra altura mais propícia».

A minha irmã exigiu um **conto** e a minha avó faz-lhe a vontade.

Um conto

Era uma vez... um sapateiro muito pobre que vivia numa pequena aldeia. Trabalhava que se fartava mas não enxugava vintém, pois tinha muitos filhos, muitas despesas, e por isso andava cheiinho de dívidas. Resolveu fazer-se de morto para ver se os credores lhe perdoavam. Se bem o pensou melhor o fez. Deitando-se no caixão, pôs a mulher a gritar e os filhos a chorar desalmadamente. Vieram os credores e, todos compadecidos perante o triste cenário, fizeram questão em perdoar as dívidas ao morto, excepto um, que era galego e a quem o sapateiro devia trinta reis. Embora o crédito fosse o mais pequeno, o galego era das felpas do car... do diabo. Por isso não arredou pé da casa. Ali se manteve ao lado do morto, reclamando intensamente os trinta reis. Chegou a hora do enterro e como o maroto do galego não desalapava do lugar, fez-se o saimento para a Igreja, sítio onde o morto pernoitou, como era uso e costume, para ser sepultado no dia seguinte.

O galego, pelo sim pelo não, foi também para a Igreja e meteu-se dentro de um confessionário para velar o cadáver. Pelos pregos da noite velha, ouviu-se grande estrondo e forte algazarra no coro da Igreja. Era um bando de ladrões que ali se acoitaram para se livrarem do frio, contarem e repartirem o dinheiro dos roubos, à luz de uma lamparina. Nisto, um deles repara no morto espipado no caixão aberto lá em baixo no meio da igreja. Então, querendo avaliar da valentia e coragem dos seus companheiros, lança esta proposta:

– Dou toda a parte que me cabe no roubo àquele que for lá abaixo e cravar esta faca nas tripas do morto.

O desafio fez correr um arrepio pela espinha de todos, o que não era para menos. Ao fim duma certa hesitação, um deles, mais afoito e chibante, disse:

– Pois é para já, car... carai! Bota para cá a faca com um milhão de catrinos!

E ele aí vai, desce as escadas do coro, aproxima-se do esquife aberto e... o nosso sapateiro, quando o viu já muito perto, sentou-se no caixão e, fazendo uma voz de além-túmulo, disse:

– Levantai-vos defuntos!

O galego que tinha ouvido tudo, replicou do confessionário:

– Nós lá iremos todos “xuntos”!

Os ladrões quando viram e ouviram tal preparo, à pernas para que vos quero, deram às de Vila-Diogo e só pararam lá para os quintos.

No coro lá ficaram os sacos de peças e libras a tentar o sapateiro e o galego, que logo se deram pressa em as repartir com toda a igualdade. O galego, porém, apesar da fartura não esquecia de modo nenhum os seus trinta reis, reclamando-os em altos brados. Um dos ladrões veio, pé ante pé, escutar o que se passava no coro, e quando foi dar conta do que ouvira aos seus companheiros, disse-lhes atónito e apavorado:

– Olhai rapazes, os defuntos eram tantos, tantos, que só tocaram trinta réis a cada um!

(Conto popular segundo versão de A. Veloso Martins em Monografia de Valpaços, p.p. 384, 385)

O meu avô, olhando primeiro para mim e depois para o meu padrinho e seu filho, resolveu, pela primeira vez naquela noite, dar um ar da sua graça, pois também a tinha.

– Esta história aconteceu quando o meu João andava na tropa. Ele era um rapaz muito esperto. Não é para me gabar, mas sai ao pai, que nos seus tempos também fazia das suas e...

– Ó avô, começa lá a contar a história e deixa-te de lérias...

– E tu, ó meu fedelho, quem julgas que és para te pores a dar-me ordens?

A minha avó, a imperatriz da casa, para acabar com o infrutífero diálogo, ordenou:

– Ó João Lorde, vai lá ao que interessa.

– Bem, bem, bem... estes fedelhos de agora...

– João Lorde!...

Outro conto

– ... **Era uma vez...** três estudantes que, acabado o ano escolar, se dispunham a regressar às casas paternas. De longada, iam animadamente conversando e rindo,

quando, a certa altura, encontraram um lobo morto. Como não eram indiferentes às Musas, logo apostaram celebrar o acontecimento compondo os versos adequados.

Um deles improvisando começou:

– Este lobo quando era vivo,

Tudo comeu cru e nada cozido!

A seguir, o outro disse:

– Este lobo quando no mundo andou,

Quanto comeu nada pagou!

O terceiro acrescentou:

– Este lobo quando dormia a sesta,

Nunca dormiu uma tão grande como esta!

Opinava cada um deles que o seu verso era o melhor e o mais bonito, discutindo acaloradamente e não se entendendo nem à mão de Deus Padre. Nisto passou por ali um soldado, saquita ao ombro, com ares de finório, também a caminho de casa.

Os estudantes interpelaram-no e pediram-lhe que dissesse, com toda a franqueza, quais os versos mais bonitos, tanto mais que haviam apostado que aquele que ganhasse comeria de graça o jantar desse dia. Para não descontentar nenhum deles, o soldado disse-lhes que o melhor seria pagarem os três o jantar e comê-lo todos os quatro, já que era impossível dizer quais os melhores versinhos, estando como estavam maravilhosos...

Os estudantes entreolharam-se com sorridente malícia decidindo dar uma lição àquele patusco.

Pensavam que eram capazes de dar a volta ao meu João Lorde, mas enganaram-se, ó se enganaram, e de que maneira, é que o meu João Lorde...

João Lorde, vai lá ao que interessa!

Está muito bem, camarada – disseram eles – aceitamos perfeitamente a sua inteligente decisão Vamos lá ao jantar, que são bem horas e pagaremos nós os três e comê-lo-emos todos quatro.

Quando chegarem à estalagem, um deles foi, sorrateiramente, encomendar o jantar: «Um palaio com grelos, mas partido só em três pedaços.»

Sentaram-se à mesa e quando a criada trouxe o belo palaio tostadinho e alourado, a fumar, um dos estudantes espetou um dos bocados e disse, piscando o olho aos parceiros:

– Em nome do Padre,

Este me cabe!

Logo a seguir o outro académico, serve-se do outro bocado dizendo:

– Em nome do Filho,

Este aqui comigo!

Então o soldado, de olhos arregalados, vendo que só ficava um naco na travessa, arranca do garfo e cravando-o energicamente, gritou:

– Em nome do Espírito Santo,

Antes que fique em branco!

E assim o espertalhão do soldado se ficou a rir dos estudantes.

(Consiglieri Pedroso)

Este meu João Lorde é fino como o alho, sai ao pai...

– João Lorde, olha que ainda o estragas mais...

– Bem, pois, está bem Maria Fonseca...

O meu avô era um homem enorme, pachorrento e discreto, onde se podiam vislumbrar algumas qualidades, mas só uma pessoa com inteligência especulativa é que poderia ter a ousadia de lhe associar a mestria e a fina sensibilidade de um contador de histórias.

Resumindo: a sua vocação e as suas aptidões eram as de um narrador nato. Era um contador de histórias das aldeias, à semelhança de muitos outros, que não podiam viver sem contar alguma coisa. Real ou inventada, tanto importava. A realidade, para ele, era não apenas o que acontecia, mas também, e sobretudo, essa outra realidade que existe pelo simples facto de a contarmos.

O conto – breve análise teórica

O conto aparece na sequência evolutiva dos mitos, quando os povos de cultura oral começam a distinguir as histórias “verdadeiras”, que seriam os mitos, das histórias “falsas”. Embora, quanto ao conteúdo, quanto ao impacto emocional e quanto à dignidade que lhes é reconhecida, exista uma nítida diferença, é legítimo reconhecer que os mecanismos psicológicos que estão na origem da criação dos mitos e dos contos têm grande similitude entre si. Só que com o passar do tempo foi-se produzindo um movimento de passagem da “ontologia à história”, como nos lembra Mircea Eliade. (13)

Na perspectiva de Maria Augusta Seabra Diniz, “o interesse principal já não se concentra no tempo cosmogónico mas no que foi acontecendo depois. Dá-se assim um processo de ‘desmistificação’ que nos parece seguir duas direcções.

Por um lado verifica-se a perda de conteúdo religioso do mito que se transforma numa lenda ou num conto. Por outro lado, caminha-se no sentido da organização de um pensamento filosófico que tenta, através de um esforço sistemático e rigoroso, entender a verdadeira origem e natureza das coisas.”⁽¹⁴⁾

As formas do pensamento arcaico só muito lentamente vão desaparecendo. Por isso é legítimo dizer que a componente narrativo-poética do conhecimento e a sua transmissão ainda se mantêm bem vivas na nossa cultura.

À primeira vista, para os adultos menos avisados, os “contos para a infância” não passam de simples entretenimento. Mas pensar assim é um logro. Eles não aparecem por acaso, mas sim como uma das etapas e uma das formas que o pensamento humano encontrou no seu esforço de entender as coisas, desde as mais profundas e fundamentais até aos pequenos problemas do dia a dia. São ainda formas particularmente felizes para contactar com o mundo da criança, fornecendo-lhe elementos imaginativos das experiências com que se vai defrontando dia após dia.

Segundo Bruno Bettelheim, a tarefa mais importante e mais difícil na educação das crianças consiste em ajudá-la a encontrar um sentido para a sua vida. É que este sentido da vida não se adquire automaticamente num determinado período da infância, nem sequer na idade da sempre questionável maturidade.

A criança necessita de aprender a conhecer-se e a fazê-lo seguindo as suas capacidades do momento, de acordo com o nível do seu desenvolvimento psicológico. Só assim consegue entender e relacionar-se com os outros. É por isso que os pais e os outros adultos que contactam de perto com a criança desempenham uma função importante nesse sentido. E depois deles, nada é tão importante como o contacto com a sua herança cultural, quando ela é transmitida de maneira “correcta”. É aqui que os contos de expressão oral, sobretudo os imbuídos de “maravilhoso” – “narrativas que decorrem fora de um espaço de realidade, onde são violadas as leis da natureza, sendo necessário admitir novas fórmulas para a explicação dos fenómenos descritos,”⁽¹⁵⁾ – jogam a sua cartada mais importante, quer na sua forma oral quer tenham sido fixadas pela escrita. O conto tem enorme importância por lhe fornecer os modelos para os seus conflitos de momento.

A ficção aparece nestes contos como uma intenção. Surge como uma maneira de objectivar, ainda que de forma subtil ou encoberta, determinados conhecimentos. O conto é essencial às crianças porque expressa aquelas experiências que não podem ser explicitadas dentro de um esquema lógico-formal. Até porque todos sabemos que a lógica tem muita...“lógica” mas não resolve os problemas emocionais porque não é capaz de tocar no que está para além da fantasia. Ao seu nível “manifesto” – na perspectiva freudiana de oposição a “latente”. Discurso manifesto o que pensamos e dizemos conscientemente e o discurso latente o que, subjacente ao conteúdo manifesto, o influência de uma forma decisiva. Só que o sujeito não tem disso consciência clara, por razões da sua dinâmica psíquica –, os contos de expressão oral pouco ensinam à criança sobre a sociedade em que de facto vive. Mas é através deles que pode aprender mais sobre os problemas interiores do ser humano do que com outros contos aparentemente mais actuais.

Os contos ancestrais começam onde a criança realmente se encontra de um ponto de vista psicológico e emocional. Falam-lhe dos seus conflitos interiores e sugerem-lhe exemplos de solução, quer temporários quer permanentes. Mostram à criança que a luta contra as dificuldades graves da vida é inevitável, mas que é possível ultrapassá-las.

Alguns contos actuais evitam os problemas existenciais. Informam a criança mas não a enriquecem. Não mencionam a morte, o envelhecimento, a guerra. No entanto, a criança necessita que lhe sejam dadas sugestões, em forma simbólica, sobre o modo de lidar com estas questões para ir amadurecendo lentamente.

Agora, muitos adultos, sobretudo dos meios urbanos, dizem que não se devem contar às crianças os contos da tradição oral porque falam de assuntos desagradáveis que as assustam. O receio que esses adultos manifestam, resulta da falta de percepção do mundo da fantasia infantil. É que ao contrário do que “pretendem” entender do mundo infantil, ele está longe de ser um oásis de paz, de serenidade, de ternura e inocência. O erro dos adultos reside no facto de tenderem a interpretar as histórias segundo as suas categorias mentais. Só que do mundo fantasmagórico infantil fazem parte angústias consideráveis, momentos de desespero e agressividade, rivalidades e fantasias retaliatórias.

Um “bom” conto infantil revela realidades do mundo da criança, que, segundo os pontos de vista do adulto, são demasiado cruéis. Só que nele existe sempre uma evolução e um desfecho que dão um destino aceitável aos problemas postos e aos sentimentos manifestados.

A narrativa dirige-se à criança numa linguagem simbólica, longe da realidade quotidiana. Deixa perceber, do início ao fim da intriga, que não fala de factos tangíveis, nem de pessoas ou sítios reais. Como nas narrativas míticas, o tempo e o espaço dos contos estão fora do tempo e do espaço reais. Por isso todos começam por: *Era uma vez...* ou *Num país muito longe...* ou *Há muito, muito tempo...* ou ainda *No tempo em que os animais falavam...*

Esta imprecisão é uma forma propositada que exprime, de maneira simbólica, que se vai deixar o mundo concreto da realidade quotidiana. Ao ouvir ou ao ler o conto, entra-se num outro universo.

O *era uma vez* conduz-nos ao passado. Só que é um passado que se torna presente para controlar o futuro. Pela identificação com certas personagens, o conto comunica uma experiência à criança. O modo como o herói, geralmente o mais pequeno, se desenvencilha dos obstáculos com que se depara, transmite à criança a esperança de que também ela, um dia, vencerá os seus piores inimigos e alcançará a vitória. A verificação de que o crime não compensa, convence-a. Nos contos maravilhosos a pessoa má perde quase sempre.

O s contos permitem à criança encontrar possíveis soluções que a ajudam a elaborar a angústia. Ajudam-na a fazer “experiência”, sem correr demasiados riscos.

As escolhas das crianças baseiam-se não no certo ou errado, mas em quem desperta a sua simpatia ou antipatia. Quanto mais simples e directa é uma boa personagem, mais fácil é para a criança identificar-se com ela e rejeitar a má. Ela identifica-se com o bom herói, não por causa da sua bondade mas porque ele lhe faz um apelo positivo, sugerindo-lhe que deve enfrentar a vida acreditando que pode dominar as dificuldades e superá-las. A vitória e a derrota na superação dos obstáculos constitui um problema existencial muito importante.

É ao partir para o mundo que o herói dos contos se pode encontrar a si próprio. E é esta sua mensagem que ajuda a criança que ouve a abandonar os seus desejos de dependência infantil e a conseguir uma existência mais independente.

À sua maneira, os contos repetem a estrutura dos rituais de iniciação: os obstáculos a superar, as tarefas, as provas, a passagem de um estado letárgico à ressurreição simbólica, que separa a imaturidade da idade adulta.

O conto dá aos medos da criança, que são confusos e mal delimitadas, uma representação precisa e circunscrita. Resumindo: dá a esses medos um nome e ensina à criança a maneira de lidar com eles.

O meu avô, talvez como a minha avó, quando me contava os seus contos, acompanhavam-me na aventura fantástica e emocional que o conto em si nos proporcionava. A sua presença, a sua voz, a estabilidade que me transmitia, a regularidade com que fazia desenvolver o conto, o manter-se tudo como anteriormente, eram elementos dinâmicos da maior importância, porque me pacificavam e me faziam sentir que as fantasias, os sentimentos e as angústias que me assaltavam não eram assim tão assustadoras nem uma coisa do outro mundo.

Afinal, depois do conto nada se destruía ou alterava. O afecto deles mantinha-se e até aumentava. E o facto de terem aceitado contar o conto significava que se eles conseguiam tolerar aquelas realidades que eu ainda suportava mal, eu também era capaz, só que a seu tempo. Era como se eu acordasse de um mau sonho e verificasse que tudo estava como antes de adormecer. Identificava-me com a sua serenidade e estabilidade, com a sua capacidade de enfrentar a realidade penosa sem nada se desorganizar.

Poder-se-á afirmar, em jeito de conclusão, que a criança cresce, encontra segurança e sentido para a vida, quando tiver entendido e resolvido os problemas pessoais por conta própria e não por eles lhe terem sido explicados por outros. O prazer de ler virá na continuidade do prazer desta cumplicidade extraordinária com o “bom” adulto que lhe conta o conto.

A minha mãe, lembro-me bem, era mais dada a contar e talvez a acreditar em contos de fadas, porque todos eles são contos do maravilhoso.

Tenho a certeza que ela sempre os contava porque se passavam no mundo da magia, da fantasia e do sonho. As suas acções escapam às contingências da vida humana e tudo se resolve por meios sobrenaturais.

A minha mãe preferia as fadas porque elas participavam do sobrenatural, porque a sua vida é contínua e não descontínua, como a de outros seres vivos. Sabia-as prontas a intervir em situações de carência, prontas a ajudar a resolver os problemas dos homens ou a compensar aspirações frustradas, acho que, no fundo, a minha mãe sempre depositou demasiadas expectativas nestas “suas amigas”. Mas na vida real nem sempre, ou quase nunca, as fadas ocupam espaço concreto. Mas elas, as fadas, do lado de lá ainda continuam e sempre vão continuar a atenuar o mal e a trazer até nós a utopia de uma realidade mágica. Por isso, ainda hoje sonho com soluções mágicas realizadas

através dos seus instrumentos de poder: o anel e a varinha mágica, que eu agora transmudei em papel, caneta e imaginação.

É claro que em oposição à fada e ao seu mundo de luz e bondade se opõe a bruxa e o seu mundo de sombra e maldade.

Visto à luz da psicanálise, a fada e a bruxa mais não são do que representações, respectivamente, da boa e da má mãe. A imaturidade da criança, nos primeiros anos de vida, não lhe permite viver a relação com a mãe “como uma pessoa total”, com aspectos bons e maus – representados pelas frustrações e pelas limitações aos seus desejos – e que a mãe não pode deixar de provocar. Por isso, a maneira mais eficaz que qualquer criança tem para resolver este conflito, consiste na clivagem do objecto da relação em bom e mau; isto é, imaginar que há uma mãe boa de quem ela gosta e uma mãe má de quem não gosta.

Numa segunda fase, a fada permanece como um elemento de fantasia, correspondendo, em certo sentido, ao sentimento de onnipotência infantil. Embora sabendo que não é verdade, a criança encontra um imenso prazer em viver num mundo do “faz de conta”. Existem muitas coisas que ela sabe não poder ou não saber fazer. É por isso que este fundo de fantasia e do “faz de conta” a ajuda a viver situações em que os limites reais são muitos e a dependência dos outros é muito grande. Ela sabe que não é onnipotente e por isso “pede ajuda” à fada, que é alguém poderoso e amigo, para que lhe satisfaça os desejos fora dos pesados limites impostos pela realidade das coisas. Mesmo tendo consciência que se trata de um jogo do “faz de conta”, ela apela à fantasia da fada ou outra do mesmo género, para assim conseguir estabelecer uma transição útil entre o estado de desamparo e de incapacidade para as exigências da realidade.

Apoiada na sua imaginação, fortalece o sentimento do seu próprio valor e convence-se de que vale a pena sonhar e imaginar sem que isso signifique uma fuga..

Este tipo de jogo, se for bem orientado pelo adulto, constitui uma fase importante da evolução da criança, pois ajuda-a a transformar-se num indivíduo adulto confiante e criativo – só que agora através do seu esforço pessoal e não da varinha de condão –, que é capaz de se relacionar equilibradamente com os seus próprios desejos, com a sua imaginação e com a realidade.

Muitos pais e professores pensam que se devem transmitir às crianças apenas concepções lógicas e científicas da realidade, para elas, ao crescer, não confundirem o real com o imaginário. Só que esses adultos, é bom de ver, passaram uma esponja sobre a sua própria infância.

As fábulas

Mas vai sendo tempo de voltarmos ao serão, enquanto a lareira ainda aquece e o convívio se mantém.

Desta vez é o meu tio João que agarra a oportunidade de contar aquilo de que mais gosta: **as fábulas**.

Eu ainda hoje não sei se ele acreditava ou não que os animais falavam realmente. O que sei e disso dou público conhecimento, é que conseguiu sempre estabelecer uma comunicação profícua e até profunda com todos os animais. Era capaz de lhes adivinhar vários desejos, maleitas e até sentimentos, simplesmente falando com eles ou observando atentamente as suas reacções, quer fosse através do olhar, do bater das patas na terra, do abanar do rabo ou de outro sinais só significativos para ele.

O que interessa para o caso é que o meu tio gostava dos animais e estou convencido de que adoraria que eles falassem a linguagem humana.

Mas antes de irmos à fábula, vou-vos pedir licença para fazer aqui um ligeiro parêntesis.

As fábulas são “relatos quase sempre breves, de acção relativamente tensa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas – personagens que são muitas vezes animais irracionais –, apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral”.⁽¹⁶⁾

Os mais antigos fabulistas da antiguidade clássica conhecidos entre nós foram Esopo, que viveu no século VI a. C., e Fedro, que viveu no século I da nossa era. No século XVII, La Fontaine, em França, foi o grande divulgador e recriador do género.

O que distingue a fábula de outras narrativas de carácter metafórico ou simbólico é a presença do animal colocado em situação humana e exemplar. Mas vamos à fábula.

No tempo em que os animais falavam... uma raposa muito fina e um lobo muito tolinho resolveram ir caçar no alheio. Ora, numa noite foram-se a umas cancelas e, encontrado pastor e cão a dormir, roubaram um gordo rexelo. Concordaram logo em o comer a meias. A matreira da raposa foi logo dizendo que isso não era possível, nesse dia, pois tinha de ir a um baptizado de um raposinho que tinha nascido ali para os lados do Selado...

O melhor que havia a fazer, propôs, era enterrar o carneiro e deixar a função para o outro dia. O lobo concordou e alvitrou que se lhe deixasse o rabo de fora para saberem onde o tinham enterrado. Separaram-se e logo que a raposa ficou só, voltou atrás e comeu um bom pedaço do carneiro, deixando-lhe outra vez a ponta do rabo de fora. No dia seguinte, ei-los que aparecem ambos no mesmo sítio.

– Bom dia compadre – diz a raposa.

– Tenha muito bons dias, senhora comadre – responde o lobo. E danadinho de fome, acrescentou: – Vamos a isto?

A raposa fez carinha de “santanária” e desculpou-se lembrando que tinha que ficar para outro dia, pois tinha outro baptizado. O lobo conformou-se e perguntou que nome havia posto ao raposinho. Ladina como era, respondeu rápido:

– «Começoxe» – respondeu a raposa.

No dia seguinte, à hora aprazada, lá estava a raposa, desta feita muito mais chorosa e contrita.

– Credo, comadrinha, pois que tanto a “aflege”?

– Ah, rico compadre, não me fale nem me consuma! Pois que hei-de ter! “Raças pelem o diasco”! Ainda não podemos comer hoje o carneiro.

Raivoso, o lobo explodiu:

– Outro baptizado? Essa só pelo “catrino”!

– Sim, compadre, mas este de grande cerimónia e a que não posso faltar.

– Bem, não se atrigue comigo, – concordou o lobo – fica para amanhã. – E já agora que nome deu ao afilhado?

– «Meouxex» – regougou a raposa.

– Bem bonito – respondeu o lobo.

Nessa tarde foi-se ao cordeiro e acabou com ele, menos o rabo, está bom de ver, que ficou de fora a servir de sinal.

No terceiro dia chegou o lobo e logo disparou para a raposa:

– Ó seu estardalho, sua realíssima bêbada, não me diga que tem outro baptizado, senão até a estripo.

– Qual nada, nada, amigo compadre! É hoje a função. Agora, agora, viva é p’ra já! – disse a raposa muito lampeira.

O lobo começou a babar-se de contente e quis saber que nome tinha o raposinho ultimamente baptizado.

– «Acaboxe», – respondeu a raposa.

– *Lindo, muito lindo, – tornou o lobo. – Mas vamos ao que importa, vamos ao jantarinho que já nem vejo com a fome!*

– *Puxe pelo rabo, senhor compadre!*

– *Não, não, há-de ser a minha comadre!*

E salamaleques para aqui, palavreado para acolá, sempre foi o lobo a puxar pelo rabo do carneiro. A raposa, à cautela, foi-se esgueirando para cima de uma fraga. O lobo puxou então com quanta força tinha e deu para trás um tremendo bate-cu, ficando só com o rabo na boca. A velhaca da raposa, lá de cima, ria a bandeiras despregadas, tratando logo de se pôr na alheta...

(A. Veloso Martins, *Monografia de Valpaços*, p.p. 382, 383, 384)

As lendas

O serão está a acabar e eu quase a dormir. A minha mãe pega em mim ao colo e leva-me para o quarto. Lá ao fundo, pendurada da parede, a candeia oferece uma luz ténue que é a ideal para adormecer sem que o breu da noite tome conta dos meus sonhos.

A minha mãe dá-me um beijo na testa e prepara-se para sair. Eu resisto e emito um ligeiro choro mimado. Ela dá meia volta e pergunta-me o que é que eu quero mais.

– Mais uma história, mamã, daquelas bonitas para adormecer e não sonhar com o papão...

Ela deita-se a meu lado e com voz de mel começa a contar a Lenda da Moura de Chaves.

Antes de a transcrever, peço a vossa licença para escrever só mais duas ou três frases para alardear alguma erudição, que é dispensável mas que fica sempre bem, especialmente quando se trata de elaborar trabalhos com algum rigor científico.

A **lenda** é uma forma de narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso. O seu argumento é tirado da tradição oral, tal como o conto. Está ligada a um espaço geográfico e a uma determinada época, o que não acontece nos contos que são situados num passado indefinido e num espaço indeterminado. Localiza-se quase sempre num castelo, num monte, num ribeiro ou num bosque. Este tipo de narrativa tem pretensões históricas, embora por vezes se forme em torno de um facto conhecido, em que os pormenores reais se perderam na memória do povo e foram substituídos por

outros de pura ficção. Na lenda, o maravilhoso e o imaginário superam geralmente o histórico e o verdadeiro.

Esta forma de relato explica um hábito colectivo, uma superstição, uma romaria religiosa. Está ligada à vida dos heróis, à sua acção e morte. O traço religioso é uma constante da lenda.

Carlos Reis e Cristina Macário, no seu *Dicionário de Narratologia*, definem a lenda – no campo da literatura de expressão oral – como uma narrativa em que um facto histórico aparece transfigurado pela imaginação popular. Para estes autores, não se trata de uma reconstituição documental de um facto ocorrido num passado remoto, mas de uma narrativa de carácter ficcional, transmitida de geração em geração. São exemplo deste tipo de narrativas, as lendas de mouras encantadas ou outras que relatam milagres.

Consiglieri Pedroso afirma que, “de todas as criações do nosso maravilhoso popular, a lenda é, incontestavelmente, uma das mais poéticas”. (17)

A minha mãe gosta de me contar histórias porque eu a oiço atenciosamente e em silêncio. Ainda hoje me lembro do meu prazer em escutar e do contentamento que sentia na voz da minha mãe quando as contava. O meu desejo em ouvir era o espaço que ela ocupava ao contar. Ela respondia à minha expectativa, satisfazendo-a, mas, ao mesmo tempo, mantinha-me em tensão para que o desejo de ouvir não morresse... E agora muita atenção porque a minha mãe vai começar a contar uma das suas lendas preferidas:

Há muitos, muitos anos... Chaves era governada por um alcaide mouro que vivia no castelo com o seu filho Abed e com uma sua sobrinha. O alcaide tinha feito a sobrinha noiva de seu filho Abed. Na realidade, a sobrinha do alcaide nem sequer era moura, ela era cristã. O seus pais tinham morrido numa batalha contra os mouros e o alcaide tinha-a trazido para o castelo, para viver com ele.

Um dia o castelo foi atacado pelos cristãos. Durante a batalha os cristãos começaram a ganhar terreno. O alcaide e o Abed lutavam para não deixar os cristãos entrar no castelo e esquecem-se da sobrinha. Esta sai para a rua e, com uma estranha calma, começa a passear pelo meio da confusão.

Então um jovem guerreiro repara nela e aproxima-se, interrogando-a sobre o que estava a fazer. A Moura responde-lhe que não compreende por que razão os homens estavam a lutar constantemente como se fossem feras. E lembrou que tinha sido por

causa da guerra que tinha ficado órfã. O jovem guerreiro chama um dos seus homens e manda que levem a rapariga para a sua tenda. E assim aconteceu.

O castelo é tomado pelos cristãos que o oferecem a D. Afonso Henriques. O rei português, como prova da sua gratidão, oferece aos seus homens tudo o que tinha sido apreendido nessa batalha. Contra toda a tradição, não se efectuou a troca da sobrinha do alcaide por alguns prisioneiros de guerra e por isso ficou a Moura a viver com o cavaleiro cristão, pelo qual se apaixonou. Os dois passaram a viver felizes.

Um dia a Moura foi passear pela ponte com duas das aias. No caminho surge-lhe um pedinte que lhe estende a mão para pedir esmola. Foi nesse momento que ela reconheceu o rosto do mendigo – Abed, o seu antigo noivo que nunca lhe perdoou o facto de estar a viver com um cavaleiro cristão. Por isso Abed lançou-lhe um feitiço segundo o qual ela iria ficar para sempre debaixo do terceiro arco da ponte e dele só sairia quando um cavaleiro cristão lhe desse um beijo. Mas esse cavaleiro não podia ser este com quem vivia. Por isso nunca haveria de chegar nenhum capaz de a tirar de lá. Entretanto, ela desapareceu como o fumo para nunca mais se ver.

Conta-se que numa altura, aí por volta do São João, passou por ali um cavaleiro cristão que, ouvindo os gemidos de uma mulher, desceu do cavalo e olhou para o rio. A Moura, que por ali se tentava espelhar, pediu ao forasteiro que lhe desse um beijo para a libertar. Só que o jovem, lembrando-se das histórias que mãe lhe tinha contado sobre cavaleiros que perderam a alma por se entregarem ao feitiço das mouras encantadas, se assustou e por isso montou no cavalo e fugiu.

Ainda hoje se conta que na noite de São João se ouvem os gemidos da Moura.

(Lenda popular adaptada)

Nos sonhos

Lá ao longe, no fundo do bosque, vejo a Moura que tem a cara da minha avó, mas sem rugas, e possui um par de asas tão brancas como o ganso da senhora Rosa. Atrás dela voa a minha mãe também com um par de asas de pomba, não, de pomba não pode ser porque são pequenas, mas não consigo adivinhar o tamanho da fada minha mãe... entro no jogo do botão, depois do lencinho... lencinho vai na mão, cairá ou não... dá-me lume?... cabra-cega, donde vens?... pico, pico sarrubico, quem te deu tamanho bico... varre, varre, vassourinha.... os cavalos a correr, as meninas a aprender... real senhor em que cavalo quer vir... lá ao longe vem a raposa disfarçada de cordeiro, mé, mé, mé, mé,

ão, ão, ão, miau, miau, miau, quá, quá, quá... rei, capitão, soldado ladrão... xi coração,
peito de rola... joaninha voa, voa... una, dena, tena catena, cinzena, romana... João
pestanda, João pestanda, faz dormir... o me... ni... no... na... ca... maaaaaaaaaaaaa...

Chaves, 22 de Dezembro do ano 2000

- (1) M. L. Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil*, p. 114.
- (2) M. José Costa, *Um Continente Poético Esquecido, As Rimas Infantis*, p. 24.
- (3) Canção de Natal da Beira Baixa
- (4) M. Augusta Seabra Diniz, *As Fadas Não Foram à Escola*, p. 70
- (5) F. Adolfo Coelho, *Jogos e Rimas Infantis*, p.p. 88-89
- (6) Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, p. 12
- (7) *Op. Cit.*, p. 10
- (8) Mircea Eliade, *Aspectos do Mito*, p. 17
- (9) H. Wallon, *Do Acto ao Pensamento*, p. 167
- (10) *Mensário das Casas do Povo*, n.º 136, p. 6
- (11) Henry Shaw, *Dicionário de Temas Literários*, Lisboa, D. Quixote, 1982, p. 378
- (12) Fernando Lopes Graça, *A Canção Popular Portuguesa*, p. 33
- (13) Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, p.p. 93 – 96
- (14) M. Augusta Seabra Diniz, *As Fadas Não Foram à Escola*, p. 54
- (15) T. Todorov, *Introdução à Literatura Fantástica*, p. 41
- (16) C. Reis e C. Macário Lopes, *Dicionário de Narratologia*, p. 151
- (17) F. C. Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, p. 26

Bibliografia

- BETTELHEIM, Bruno, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 7ª edição, Venda Nova, Bertrand Editora, 1998. Tradução de Carlos Humberto da Silva.
- BRAGA, Teófilo, *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, Lisboa, D. Quixote, 1985.
- CHAVES, Luís, “No Mundo Recreativo Das Adivinhas”, *Mensário das Casas Do Povo*, n.º 136, Lisboa, 1957.
- COELHO, F. Adolfo, *Jogos e Rimas Infantis*, 2ª ed., Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1919.
- COSTA, João Gonçalves, *Montalegre e Terras do Barroso*, 2ªed., Braga, Livraria Cruz, Edição da Câmara Municipal de Montalegre, 1987.
- COSTA, M. José, *Um Continente Poético Esquecido, As Rimas Infantis*, Porto, Porto Editora, 1992.
- DINIZ, Maria Augusta Seabra, *As Fadas não Foram à Escola*, 2ª ed., Porto, Edições Asa, 1998.
- ELIADE, Mircea, *Aspectos do Mito*, Lisboa, Edições 70, 1989.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Livros do Brasil s. d.
- FONTES, António Lourenço, *Etnografia Transmontana I — Crenças e Tradições de Barroso*, 2º ed., Edição do Autor, 1979.
- Etnografia Transmontana II — O Comunitarismo de Barroso*, Edição do Autor, 1977.
- GOMES, José António, *Literatura para Crianças e Jovens*, Lisboa, Caminho, 1991.
- GRAÇA, F. Lopes, *A Canção Popular Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa América s.d.
- GUERREIRO, Manuel V., *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- LOPES, Ana Cristina Macário, “Literatura Culta e Literatura Tradicional de Transmissão Oral: a Bipartição da Esfera Literária”, *Cadernos de Literatura n.º 15*, 1983.
- MARTINS, A. Veloso, *Monografia de Valpaços*, 2º ed., Porto, Lello & Irmão, Edição da Câmara Municipal de Valpaços, 1990.
- PEDROSO, Consiglieri, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Vega, 1983.
- REIS, Carlos e MACÁRIO, Cristina, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1990.
- ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, 1984.
- SHAW, Henry, *Dicionário de Temas Literários*, Lisboa, D. Quixote, 1982.
- SORIANO, Marc, *Guide de Littérature pour la Jeunesse*, Paris, Flammarion, 1975.
- TODOROV, Tzevan, *Introdução à Literatura Fantástica*, Lisboa, Moraes, 1977.
- TRAÇA, Maria Emília, *O Fio da Memória — Do Conto Popular ao Conto para Crianças*, Porto, Porto Editora, 1992.

VASCONCELOS, J. Leite, *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882.
WALLON, H., *Do Acto ao Pensamento*, Lisboa, Moraes, 1979.